

Pela Desordem: Imagens e Imaginário da Revolução Social entre o Círculo Militante do Jornal *A Plebe* (1917-1922)

Ricardo Ferrini Garzia

Resumo: Ao longo da Primeira República, o jornal *A Plebe* constitui-se no mais influente órgão anarquista do período, contando, entre seu círculo de militantes, com nomes destacados na atuação junto ao movimento operário no eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Entre 1917 e os primeiros anos da década de 20, houve um intenso sentimento de esperança na transformação da sociedade, por parte dos anarquistas, sobretudo por conta da inspiração despertada pela Revolução Russa, bem como da onda revolucionária que se espalhou por toda a Europa a partir dela, e do movimento grevista que tomou os grandes centros urbanos do país - além do incremento experimentado pelo movimento organizacional da classe operária, o que proporcionou o maior alcance da propaganda militante. Os militantes anarquistas assumiram parte fundamental na tarefa de mobilização e formação dos trabalhadores, destacando-se entre os grandes responsáveis pelo tom que caracterizou o movimento operário ao longo do período. As páginas do *A Plebe* são carregadas pela idéia da revolução social, fenômeno que instauraria a anarquia, tempo de redenção para a classe operária, lançando por terra a ordem burguesa e suas instituições viciadas. Momento sublime, tão aguardado pelos militantes, o anseio pela revolução não seria manifestado apenas através de artigos, mas também representado pelas imagens veiculadas pelo *A Plebe*. Através da análise de um conjunto de imagens, buscaremos demonstrar como estas representações, publicadas pelo periódico anarquista, manifestam traços do imaginário da militância libertária acerca da revolução social, revelando uma linguagem alternativa de formação política, que guarda suas sensibilidades próprias. Para tanto, lançaremos mão das idéias de Bronislaw Baczko sobre o imaginário social. Em seu esforço por compor o imaginário da classe operária, influenciando tanto sua maneira de agir quanto de representar o mundo, os militantes investiram na veiculação de imagens, apostando na capacidade de inspiração destas. Buscando a conscientização da classe operária, a militância anarquista fez uso de seu dispositivo simbólico, expressando-o nas imagens veiculadas pelo *A Plebe*, se valendo das representações no diálogo com o operariado, em sua maioria analfabeto. Portanto, as imagens revelam diversos elementos que compõem o dispositivo simbólico presente no imaginário do círculo militante do periódico anarquista, configurando, assim, uma forma de expressão capaz de corresponder a uma comunidade de imaginação social - fornecendo tanto um esquema de interpretação das experiências operárias quanto uma codificação das expectativas e das esperanças.

Palavras-chave: movimento operário; anarquismo; revolução social; imagem e imaginário.

Surgindo em junho de 1917, em meio ao convulsionado cenário sócio-político brasileiro e internacional, o jornal anarquista *A Plebe* destacou-se entre os quadros de militantes do movimento operário no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, tornando-se o mais influente órgão anarquista durante a Primeira República. Em seu círculo de militantes figuravam nomes de destaque entre aqueles que reivindicavam por uma nova ordem social, colaboradores de diversas publicações anarquistas no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, entre os quais: o jornalista Edgard Leuenroth (diretor da publicação), o advogado Benjamin Mota e o também jornalista Astrojildo Pereira. Compunham, nas palavras de Leuenroth, “uma plêiade de moços combatentes da falange libertária”, da qual os ardentes anseios *A Plebe* era filha.¹

Leuenroth, em seu artigo na edição inaugural do *A Plebe*, identificava os militantes como membros da vanguarda social mundial, obreiros da conscientização das classes trabalhadoras, em prol da causa da completa libertação da humanidade.

Como é bem de ver, nessa obra titânica cabe lugar de destaque à imprensa avançada, a quem está confiada a missão delicada de orientar o povo, hoje a mercê da perseverante ação danosamente mistificadora dos jornais ao soldo dos dominadores da época.²

Cabia aos militantes, portanto, a fundamental tarefa de esclarecer e orientar o operariado. Tarefa que exigia o máximo da dedicação dessa vanguarda, em função da anormalidade dos eventos que tomavam o período, entre os quais: entrada do Brasil na Grande Guerra, contribuindo para o agravamento das condições de vida e de trabalho da classe operária; a onda grevista que tomou o país entre os anos de 1917 e 1919³; a Revolução Russa de 1917, bem como os diversos movimentos revolucionários que tomaram a Europa nos anos seguintes, despertando grande inspiração no interior do movimento operário.

Os núcleos militantes anarquistas desempenharam, então, papel fundamental na mobilização dos trabalhadores, uma vez que eles figuravam entre os grandes responsáveis pelo tom que caracterizou o perfil e a atuação dos setores organizados do movimento operário ao longo das primeiras décadas do século XX.⁴ Entre 1917 e 1920, o movimento organizacional da classe operária nos grandes centros urbanos do Brasil viveu seu ápice histórico ao longo da Primeira República. O incremento da mobilização, experimentada pelo movimento durante esta fase, proporcionou o maior alcance da propaganda militante, gerando condições para que a classe operária conquistasse os espaços públicos, conduzindo suas manifestações organizadas para além das reuniões no interior dos sindicatos e associações.⁵

A imprensa operária era o grande veículo de difusão da propaganda militante, constituindo-se como a expressão mais visível da cultura operária na República Velha e “principal instrumento de organização e politização utilizado pelos militantes anarquistas”.⁶ A imprensa anarquista promovia uma experiência de informação alternativa, compondo centros propulsores e coordenadores de vários grupos de militantes, cuja influência apresentava diversificada abrangência espacial no território brasileiro.⁷ No caso do *A Plebe*, tal influência alcançava diversos Estados, não restringindo-se ao eixo Rio de Janeiro-São Paulo. É interessante atentarmos para a observação feita por Edilene Toledo, sobre a heterogeneidade ideológica na formação dos militantes anarquistas, ou seja, num mesmo órgão, bem como num mesmo círculo, conviviam matizes diversas, seguidores de nomes tais como: Kropotkin, Malatesta, Proudhon, Reclus, Faure, Grave, Bakunin e Tolstoi. Tal fenômeno gerou na imprensa libertária “uma despreocupação com a coerência doutrinária e com as implicações teóricas gerais das afirmações particulares”.⁸

O sucesso da nova sociedade, sob a perspectiva libertária, dependia de uma profunda transformação do homem trabalhador. Como observou Angela de Castro Gomes, os anarquistas almejavam uma revolução social e não apenas uma revolução política, o que garantia um espaço privilegiado para a educação, entendida como ampla formação cultural, por meio da qual se elevariam material e moralmente os homens, e, conseqüentemente, se operaria a transformação da sociedade.⁹ Em um panfleto intitulado *Programa socialista-anarquista-revolucionário*, corrente entre o círculo militante do *A Plebe*, o célebre libertário italiano Errico Malatesta disserta sobre a importância da tarefa de persuasão por parte dos militantes, buscando despertar a consciência esclarecida das pessoas, para que a livre vontade aflore em favor da solidariedade e da anarquia. Em tal panfleto, Malatesta argumenta sobre a necessidade de se difundir o ideal, mas alerta para a insuficiência da propaganda, afirmando que para o sucesso da causa deve-se combinar a atividade de divulgação da anarquia com uma educação capaz de elevar os trabalhadores intelectual e moralmente, gerando uma transformação do homem, conduzindo-o ao nível fortuito para que se possa realizar a anarquia.

E quando tivermos a força suficiente, deveremos, aproveitando as circunstâncias favoráveis que se produzirem ou provocando-as nós próprios, fazer a revolução social, derrubando, com a força o governo; expropriando, com a força, os proprietários; pondo em comum os meios de vida e de produção; e impedindo que novos governos se estabeleçam e imponham a sua vontade, estorvando a reorganização social feita diretamente pelos interessados.¹⁰

Portanto, conforme Malatesta, os militantes deveriam além de propagar a anarquia, preparar moral e materialmente o povo, para que, quando o momento chegasse, os trabalhadores estivessem prontos para opor com violência a opressão do governo e organizar a sociedade anarquista.

Por isso mesmo os militantes anarquistas desenvolveram uma intensa atividade de crítica da cultura dominante, ao mesmo tempo em que construíam uma identidade para a classe operária, capaz de englobar, conforme Margareth Rago, os pequenos territórios da vida cotidiana, propondo “múltiplas formas de resistência política, que investem contra as relações de poder onde quer que se constituam: na fábrica, na escola, na família, no bairro, na rua”.¹¹ A formação da identidade operária se daria então tanto na atuação junto aos sindicatos de resistência, através das práticas de ação direta propagadas pelos anarquistas - sendo manifestações de sua forma, a greve, momento privilegiado de “ginástica revolucionária” ou de “escola de rebeldia”¹², bem como as “lutas miúdas e subterrâneas” travadas diariamente no âmbito das fábricas, como a sabotagem, o boicote e o roubo de peças¹³ -, quanto através das expressões culturais desenvolvidas pelos anarquistas, em contraposição aos padrões dominantes - como as Escolas Livres, difusoras das idéias pedagógicas do espanhol Francisco Ferrer, assim como o teatro social, onde a arte se transforma em um meio catártico de propaganda, convertendo-se em instrumento didático de conscientização¹⁴, ou ainda a imprensa operária.

Atuando junto ao operariado urbano no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, enquanto este se encontrava em seu próprio processo de constituição, os militantes do círculo do *A Plebe* buscaram difundir seu ideário como uma tradução das experiências dessa classe em formação, através de uma concepção cultural própria, que envolvia práticas diversificadas - chamadas por Francisco Foot Hardman de *cultura de resistência*, cujo papel aglutinador buscava “manter a integridade ideológica e vivencial do operariado emergente, contra o sistema político dominante e em prol da chamada ‘emancipação social’”¹⁵-, contribuindo para a construção de uma identidade para a classe operária.

Marcada profundamente por sua oposição ao estilo de vida burguês, tal identidade buscava manifestar a valorização da auto-imagem do trabalhador, produtor da riqueza social, em contraste com a ociosidade burguesa. Conforme Claudio Batalha, o trabalho e sua valorização exercem um peso fundamental na formação da identidade de classe, sendo elemento central em torno do qual esta se estrutura, garantindo ao grupo ou o conjunto da classe a sua própria legitimidade, enquanto a atuação organizada acaba por lhe conferir a condição de classe de forma mais evidente.¹⁶ A identidade propagada pela construção cultural anarquista é sinal da representação que os militantes libertários tinham de si, designando, a partir de seu imaginário social, uma identidade coletiva própria, que deveria ser projetada sobre toda a classe operária, cabendo ao campo simbólico parte essencial.

Bronislaw Baczko observou que os sistemas simbólicos em que está assentado e através do qual o imaginário social opera são construídos a partir da experiência dos agentes sociais, bem como de seus desejos, aspirações e motivações, assegurando a um grupo social tanto um esquema coletivo de interpretação das experiências individuais quanto uma codificação das expectativas e das esperanças.

Com efeito, o imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo em que constitui um apelo à ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira. Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos de sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum.¹⁷

No imaginário da militância anarquista a única forma possível de ruptura com a sociedade capitalista, e conseqüente transformação social, era através da revolução. Contrária ao sistema de representação parlamentar clássica do modelo liberal, a concepção anarquista deslocava a demanda de cidadania política do centro de sua proposta, afastando-se radicalmente do modelo político vigente, por não ver nele a possibilidade de transformar a sociedade.¹⁸ Dessa forma, estabeleciam um confronto radical com a ordem burguesa, ao contestar a legitimidade do seu poder, instaurando o questionamento deste no imaginário social e afirmando a revolução social como contra-legitimidade.

Edgard Leuenroth, em artigo já citado, tomava a hidra de Lerna como metáfora para a sociedade capitalista, fazendo da classe operária um Hércules moderno.¹⁹ Aos operários unidos caberia, então, conduzidos pela vanguarda anarquista, em benefício da revolução social, a hercúlea tarefa de destruir esse monstro social, com suas terríveis cabeças, fonte inesgotável de malefícios contra os trabalhadores. Confiante de que a humanidade caminhava a passos agigantados rumo à revolução social, Leuenroth argumentava que a única possibilidade da humanidade tornar-se verdadeiramente livre e gozar da felicidade da qual era merecedora seria quando:

sob os escombros fumegantes desse burgo podre que é o regime burguês desaparecer para todo o sempre, com a maldição de todas as gerações sofredoras, o Estado, a igreja e o militarismo, instituições malditas que lhe servem de esteios.²⁰

Bazilio Torrezão, por sua vez, na mesma edição, abria seu artigo com um sugestivo título: “Pela desordem!”.²¹ Com veia cômica aguçada, Torrezão traça um panorama da ebulição social e política que tomava a Europa no ano de 1917. Revelando-se encantado e contentíssimo, o articulista escreve:

Eu acho que vai tudo admiravelmente, lá na Europa, e admiravelmente há de ir também isto por cá, pois que nós nada mais fazemos que refletir o que por lá se passa. E que é o que vemos predominar no Velho Mundo, neste instante? Esta coisa admirável: a confusão... É a desordem, é o caos. Caos fecundo, benfazeja desordem!²²

Transmitindo toda sua satisfação, diante do que ele chama de empolgante espetáculo, Torrezão diz que seu otimismo baseia-se na firme convicção de que a única cura possível para o mundo deveria operar-se através de um “formidável banho de desordem”. Para o militante, o momento é tanto de admiração quanto de uma tomada de posição:

A vida é rebeldia, é impulso, é impetuosidade, e uma sociedade que queira realmente viver tem que ser formada de unidades inconfundíveis, soma de vontades conscientes, e não amalgama pastoso de renúncias desfibradoras em mãos da providência estatal. Ora, o momento ciclópico que atravessamos oferece todas as oportunidades de renovação.²³

O imaginário anarquista era impregnado pela idéia da revolução social, momento da transformação radical da sociedade, tempo de redenção para os trabalhadores. Portadores daquilo que definiam como uma mentalidade nova – a mentalidade anarquista –, os militantes se afirmavam iconoclastas²⁴, apresentando-se, pois, como regeneradores da humanidade. A restauração da sociedade teria de lançar por terra a carcomida ordem burguesa e, com ela, derribar todas as instituições que lhe garantiam sustentação, sendo, portanto, uma ruptura brusca – como diria Leuenroth, um novo 13 de maio, ocasião da conquista da alforria derradeira pelos trabalhadores.²⁵

A imaginação da revolução social, surgindo como um evento crítico, então, contribuiu para a construção da representação da comunidade futura pelos militantes. Momento sublime, tão aguardado pelos militantes, o anseio pela revolução não seria manifestado apenas através dos artigos, mas também representado pelas imagens veiculadas pelo *A Plebe*. Se observarmos que a maior parcela da classe operária, com a qual o periódico libertário buscava interagir, era analfabeta, perceberemos o quanto era interessante para a militância anarquista a publicação dessas imagens no diálogo com os trabalhadores - contribuindo para sua formação política -, em sua busca por compor o imaginário proletário por meio de seu dispositivo simbólico, contribuindo para a construção da identidade da classe.

Lugar tanto de expectativas e aspirações quanto de lutas e conflitos entre forças sociais opostas, instrumento eficaz de influência e orientação da sensibilidade coletiva, o imaginário social faz-se “inteligível e comunicável através da produção dos ‘discursos’ nos quais e pelos quais se efetua a reunião das representações coletivas numa linguagem”.²⁶ As imagens, bem como o Primeiro de Maio, a Internacional, a bandeira vermelha e o teatro operário, configuram uma tradução da “necessidade de encontrar uma linguagem e um modo de expressão que correspondam a uma comunidade de imaginação social, garantindo às massas, que procuram reconhecer-se e afirmar-se nas suas ações, um modo de comunicação”.²⁷

Na figura 1 vemos um militante, cujas mangas arregaçadas revelam o tom de sua disposição para agir, empunhando com a sua mão direita um bastão, com o qual parece ter acabado de golpear uma típica representação do burguês (repare no fraque), que aos seus pés se contorce pela dor. Enquanto observa sua presa, ele empunha com a mão esquerda uma enorme bandeira, que lhe envolve, erguendo-a acima de sua cabeça, incitando e conduzindo a revolta. A legenda que acompanha a figura diz “heróico despertar”, numa provável referência ao intenso movimento grevista que então tomava o cenário do mundo do trabalho, sobretudo no eixo Rio de Janeiro-São Paulo - há, inclusive, um objeto de difícil definição no canto inferior esquerdo com a inscrição 20%, numa possível menção à concessão de reajuste salarial proposta pelos industriais ao Comitê de Defesa Proletária organizado em São Paulo. A legenda também traz, inevitavelmente, o sonho da revolução social à imaginação, celebrando o despertar do operariado organizado, que unido enfrenta seus opressores.



Figura 1

A Plebe, 04/08/1917, p. 1 – Fonte: Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro

A imagem transmite a crença na força do militante, impelindo seu espírito rebelde para que tomasse parte na transformação da sociedade, desenvolvendo a formação das virtudes anarquistas junto ao operariado e indicando-lhe a ação direta como método de atuação. A ação militante era essencial para o sucesso da organização operária, como se verifica no artigo assinado por Nathanael Pereira em meio ao desenrolar do movimento grevista:

É, pois, de inteira oportunidade a ação imediata das classes revolucionárias que são e têm sido, em todas as épocas, a força aceleradora da evolução. É, pois, de toda urgência arremetam-se os elementos esclarecidos e capazes de remodelação social, para, auxiliados pelo elemento proletário, darem o golpe decisivo nesta situação deprimente dos brios do homem.²⁸

O bastão surge na simbólica sob diversos aspectos, no caso da figura 1 ele assume uma dupla função, ou seja, ele é tanto a arma que desfere o golpe final na ordem burguesa, quanto o apoio que auxilia o militante na condução dos trabalhadores no rumo da transformação social.²⁹ A bandeira, por sua vez, aparece aqui como símbolo da própria razão da luta, a anarquia, fornecendo tanto inspiração e proteção, quanto identificando os rebeldes na batalha. Alegoria da luta entre trabalhadores e patrões, a imagem é claramente uma cena de conflito, convocando o operariado para o embate inevitável, em nome do bem-estar.



Figura 2

A *Plebe*, 11/08/1917, p. 1 – Fonte: Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro

Evocando um novo 13 de maio, a figura 2 traz um homem desnudo, cujos pulsos cobertos por grilhões rompidos marcam a conquista de sua emancipação recente. Com as duas mãos ele empunha um machado, no qual se lê a inscrição “anarquismo”, com o qual se prepara para desferir um golpe de morte contra uma árvore de galhos secos à sua frente, nela encontram-se diversas inscrições. A imagem é carregada pela idéia de regeneração, evidenciada pela nudez do personagem, que, assim, revela a virtude de sua ação. Despido de malícia, armado pelo anarquismo e sua mentalidade rejuvenescedora, ele aplica as derradeiras machadadas – como diz a legenda – contra as instituições podres da sociedade capitalista, aqui metaforizada através de uma árvore de galhos apodrecidos, bem como contra toda espécie de vício dela oriundo. Anunciando uma nova era, a figura 2 convoca os trabalhadores para reivindicarem pela liberdade, plena e absoluta, precipitando a revolução social, condição essencial para a satisfação do bem-estar humano, pondo abaixo a ordem burguesa.

Na próxima imagem, figura 3, vemos uma mulher representando a nova era, que, como diz a legenda, caminha sobre os escombros da sociedade velha. Aos seus pés há uma série de objetos, cada qual simbolizando uma das diversas instituições que sustentam a ordem burguesa, tais como: uma coroa (o Estado); um canhão e uma lança (o militarismo); um rosário (a igreja). A nudez de seus seios manifesta a correção moral dessa musa revolucionária. Portando uma tocha, ela conduz o fogo purificador, providenciando a luz que ilumina o nascimento da sociedade anarquista.



Figura 3

A Plebe, 12/04/1919, p. 1 – Fonte: Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro

A representação, inevitavelmente, traz à imaginação a tela *La Liberté guidant le peuple*, de Eugène Delacroix - obra que habita o imaginário revolucionário desde sua criação. Entretanto, aqui, ela não é seguida por inspirados rebeldes, ao contrário, ela é espreitada por um bando de eclesiásticos, que temerosos lançam seus olhares contra a musa. A cena é significativa, uma vez que os militantes anarquistas tomavam os religiosos como os principais responsáveis pela manutenção do povo na ignorância - e na imagem eles surgem como último baluarte da defesa da antiga sociedade. Os libertários, portanto, buscavam extirpar os cultos religiosos e com eles varrer da face da terra aqueles que o célebre anarquista francês Élisée Reclus definiu como “bando dos traficantes de salvação”, que compõem a força do “fascínio religioso”, ávida por auxiliar os governantes na coação aos trabalhadores.³⁰ O brilho da tocha irradia a nova era, resgatando os trabalhadores da escuridão das trevas da religião, fornecendo-lhes a educação das virtudes anarquistas, guiando-lhes na revolução social, em busca do bem-estar para todos.

Na figura 4 vemos a representação da classe operária como um homem gigantesco, que em um transe rebelde busca se desvencilhar dos grilhões que o constroem. A legenda na parte superior afirma ser esta a luta do proletariado, enquanto a legenda na parte inferior anuncia a vitória inevitável dos trabalhadores, sendo inútil qualquer tentativa de repressão.



Figura 4

A Plebe, 18/03/1922, p. 1 – Fonte : Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro

A imagem evoca o titã Prometeu, personagem mitológico que se rebelou contra a vontade divina, buscando ajudar a humanidade primitiva, entregando-lhe o fogo - roubado do Olimpo -, tornando-o bem comum a todos os homens, e, por isso, como punição foi acorrentado numa região desolada na Cítia. A figura convoca a união das forças do proletariado, cujo poder se iguala ao de um titã (imagem inclusive usual na cultura militante), para o combate contra a opressão, recusando as condições de vida e trabalho que lhes foram impostas pela ordem capitalista.

As imagens publicadas pelo *A Plebe* expõem traços do imaginário da militância anarquista, revelando uma linguagem alternativa de formação política, que guarda suas sensibilidades próprias, desenvolvida pelo periódico libertário. Ressoava no imaginário anarquista as idéias de Bakunin, para quem havia a “necessidade de um colapso total da sociedade para que fosse possível começar do nada”, fazendo da ação revolucionária uma força purificadora e reformadora³¹, desencadeada pelo operariado, responsável pela produção da riqueza social, legitimando a sociedade futura. No imaginário anarquista, através da desordem lançada pela revolução social surgiria a transformação da sociedade, o que não deixa de transparecer nas figuras analisadas.

As imagens estabelecem um diálogo com o olhar do observador, compondo uma rede de significados capaz de transmitir sua mensagem para aqueles que compartilham de um mesmo sistema simbólico. Conforme James Elkins, as imagens apresentam a competência tanto de adicionar qualidades quanto de transformar o próprio observador, existindo na relação entre aquele que observa e o objeto de sua observação, não somente o olhar sobre a imagem, mas também outras forças que, bem abaixo da superfície do objeto do olhar, torcem seu caminho através dos pensamentos do observador, forçando a atenção aqui e ali, despertando sentimentos que não só acompanham como constituem o olhar.³² Buscando compor o imaginário da classe operária, influenciando sua maneira de agir e representar o

mundo, os militantes investiram nas imagens, lançando mão da capacidade de inspiração destas.

Referências Bibliográficas

ADDOR, Carlos Augusto. “Anarquismo e movimento operário nas três primeiras décadas da República”. In: ADDOR, Carlos Augusto & DEMINICIS, Rafael Borges (org). História do anarquismo no Brasil. Volume II. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009.

BACZKO, Bronislaw. “Imaginação social”. In: Enciclopedia Einaudi. Volume 5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BATALHA, Claudio H. M. “Identidade da classe operária no Brasil (1880-1920): atipicidade ou legitimidade”. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 12, n. 23/24, 1992.

_____. O movimento operário na Primeira República. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

ELKINS, James. The object stares back: on the nature of seeing. Orlando: Harcourt, 1998.

FERREIRA, Maria Nazareth. Imprensa operária no Brasil. São Paulo: Ática, 1988.

GOMES, Angela de Castro. A invenção do trabalhismo. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

HARDMAN, Francisco Foot. Nem Pátria, nem patrão!: memória operária, cultura e literatura no Brasil. São Paulo: UNESP, 2002.

LEUENROTH, Edgard. “Rumo à revolução social”, A Plebe, 09/06/1917.

MALATESTA, Errico. Programa socialista-anarquista-revolucionário. São Paulo: Aurora e Libertas, 1910.

PEREIRA, Nathanael. “Hora propícia”, A Plebe, 04/08/1917.

RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

RECLUS, Élisée. A evolução, a revolução e o ideal anarquista. São Paulo: Imaginário, 2002.

SOARES, Primitivo. “Pigmeus e gigantes”, A Plebe, 09/06/1917.

TOLEDO, Edilene. “A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República”. In: FERREIRA, Daniel & REIS, Daniel Aarão (org). A formação das tradições (1889-1945). Coleção As esquerdas no Brasil; v. 1. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

TORREZÃO, Bazilio. “Pela desordem!”, A Plebe, 09/06/1917.

WOODCOCK, George. *História das idéias e movimentos anarquistas. Volume 1: a idéia*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

¹ LEUENROTH, Edgard. “Rumo à revolução social”, *A Plebe*, 09/06/1917, p. 1.

² *Idem*.

³ O próprio Leuenroth seria preso, acusado de ser um dos articuladores do movimento.

⁴ ADDOR, Carlos Augusto. “Anarquismo e movimento operário nas três primeiras décadas da República”. In: ADDOR, Carlos Augusto & DEMINICIS, Rafael Borges (org). *História do anarquismo no Brasil. Volume II*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009. p. 13; BATALHA, Claudio H. M. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 41; GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 81.

⁵ HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, nem patrão!: memória operária, cultura e literatura no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2002. pp. 53-54.

⁶ FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa operária no Brasil*. São Paulo: Ática, 1988. p. 12.

⁷ TOLEDO, Edilene. “A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República”. In: FERREIRA, Daniel & REIS, Daniel Aarão (org). *A formação das tradições (1889-1945). Coleção As esquerdas no Brasil; v. 1*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007. p. 60.

⁸ *Idem*, p. 69.

⁹ GOMES, Angela de Castro. *op. cit.* p. 87 e 92.

¹⁰ MALATESTA, Errico. *Programa socialista-anarquista-revolucionário*. São Paulo: Aurora e Libertas, 1910, pp. 10-11.

¹¹ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 14.

¹² HARDMAN, Francisco Foot. *op. cit.* p. 47.

¹³ RAGO, Margareth. *op. cit.* p. 28.

¹⁴ HARDMAN, Francisco Foot. *op. cit.* p. 102.

¹⁵ *Idem*, p. 309.

¹⁶ BATALHA, Claudio H. M. “Identidade da classe operária no Brasil (1880-1920): atipicidade ou legitimidade”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 12, n. 23/24, 1992. pp. 120-122.

¹⁷ BACZKO, Bronislaw. “Imaginação social”. In: *Enciclopédia Einaudi. Volume 5*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 311.

¹⁸ ADDOR, Carlos Augusto. *op. cit.* p. 24; GOMES, Angela de Castro. *op. cit.* p. 83.

¹⁹ Na mitologia grega, a hidra de Lerna era uma serpente monstruosa, de diversas cabeças, que renasciam à medida que eram decepadas. A fera teria sido derrotada por Hércules no segundo de seus doze trabalhos.

²⁰ LEUENROTH, Edgard. *op. cit.* p. 1.

²¹ Pseudônimo utilizado por Astrojildo Pereira.

²² TORREZÃO, Bazilio. “Pela desordem!”, *A Plebe*, 09/06/1917, p. 2.

²³ *Idem*.

²⁴ SOARES, Primitivo. “Pigmeus e gigantes”, *A Plebe*, 09/06/1917, p. 4.

²⁵ LEUENROTH, Edgard. *op. cit.* p. 1.

²⁶ BACZKO, Bronislaw. *op. cit.* p. 311.

²⁷ *Idem*, p. 324.

²⁸ PEREIRA, Nathanael. “Hora propícia”, *A Plebe*, 04/08/1917. p. 4.

²⁹ Sobre os diversos significados do bastão na simbólica, cf: CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. pp. 123-125.

³⁰ RECLUS, Élisée. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo: Imaginário, 2002. p. 101 e 105.

³¹ WOODCOCK, George. *História das idéias e movimentos anarquistas. Volume 1: a idéia*. Porto Alegre: L&PM, 2002. p. 178 e 201.

³² ELKINS, James. *The object stares back: on the nature of seeing*. Orlando: Harcourt, 1998. p. 22 e 33.